

Saudades Ribeirinhas

Frequentemente, a libelinha voava baixinho e cortava a direito nas águas serenas. Montado na sua garupa, de costas direitinhas, viajava o delfim do Rio. Rufino era o seu nome e este era muitas vezes confundido com um narciso dourado quando se passeava nas margens viçosas. Habitualmente, exhibia-se em voos acrobáticos nas sombras apertadas da mata e, se o deixassem à vontade, estaria nestas práticas até ao cair da noite.

Se é certo que os voos atrevidos do Rufino eram apreciados por uma maioria de criaturas da beira-rio, havia também quem o censurasse. Ou porque o elfo era imprudente ou porque era insolente. E até mesmo ofensivo e intrusivo, diziam eles. Um dos bicharocos que se aborreceu com os ziguezagues da libelinha foi o Senhor Castor que, por muito menos que isso, se ia aos arames e afugentava a bicharada com uma bofetada.

Um dia, Rufino descia em voo picado montado no seu inseto amigo, quando, de lado nenhum, jogou-se a pata do Castor à frente do seu nariz e, vumba! O elfo despegou-se da garupa da sua companheira e caiu redondo no chão. A queda foi tão grave que Rufino pensou mal da sua vida. Tentou levantar-se, mas o corpo estava todo dorido e os ossos choramingavam por baixo da pele.

A libelinha, aflita, pousou perto do pobre elfo e, sem perda de tempo, transportou-o para o Hospital de Santa Hortênsia, que era o posto de socorro que ficava mais próximo. Enquanto se erguia no ar, a libelinha ainda gritou “Nunca pensei que nos quissem mal nesta curva do Rio. Não voltaremos aqui tão cedo! Ora, não senhor!” E o zumbido do inseto perdeu-se por entre a folhagem.

Foi um drama difícil de engolir para os bichos que gostavam do elfo e da libelinha. Uma sombra de tristeza pesou sobre as copas das árvores e havia por todo o lado bichos pesarosos que uivavam, berravam, miavam, crocitavam, grasnavam e guinchavam, ou em coro ou então um de cada vez. Quem mais sofria com o desquite era o Rio. A saudade foi apertando com o tempo e os queixumes eram cada vez mais demorados e aflitivos. A tal ponto que o céu se cobriu de nuvens cor de chumbo e assim permaneceu durante meses. O Sol despedira-se da floresta e os animais migravam junto à margem do Rio para outros vales. As lágrimas dos que ficavam juntavam-se às do Rio e alagavam-

se os terrenos em redor, fazendo apodrecer as raízes dos arbustos e das árvores mais sensíveis.

Apesar da tristeza, havia uma réstea de esperança que o elfo e a libelinha regressassem um dia e que se voltassem a alegrar as águas do Rio, mas nada disso aconteceu. O Castor não entendia aquele exagero de emoções e demorava-se no Rio a fazer a sua represa. Mas a torrente de lágrimas que corria furiosamente no rio, desfez a sua obra por várias vezes e o animal acabou por desistir da empreitada. Desmoralizado, fez as malas e migrou também.

Muito tempo depois, o Rio insistia naquela dor e os animais, embora já tivessem feito o seu luto, não conseguiam encontrar a paz nas margens daquele curso de água tão sofrido. Era uma dor exagerada que não passava, por mais meses que passassem. E entristecia mais e mais as plantas, os animais e o céu.

Até que, um dia, Rufino apareceu ao fundo de um carreiro, apoiado numa muleta feita em pinho, sem a montada, e cumprimentou o rio. Inclinou-se com dificuldade e bebeu alguma da sua água fresca. A água sabia a sal, por causa das lágrimas que tinham sido aí vertidas, e Rufino cuspiu-a borrifando tudo em seu redor. Fez uma careta e guinchou em sinal de protesto.

Os animais, ao rever o amigo há muito desaparecido, e ao assistirem àquela cena burlesca, desataram a rir. O Rio, subitamente consciente do que se estava a passar, gorgolejou, rodeou o seu amigo com os seus bracinhos húmidos e encheu-o de beijos espumosos.

O manto de nuvens abriu e a floresta tingiu-se de verdes-esmeralda e de tons acobreados, para delírio da bicharada. Em todos os quadrantes do arvoredo, lançavam-se nos ares bandos de pássaros coloridos que se cruzavam e espiralavam em voos ascendentes. As vozes calorosas de uma multidão de criaturas serpenteava por entre os galhos da vegetação e enovelava-se nos ouvidos de quem as quisesse ouvir. A alegria regressou com novo fôlego e apenas havia a lamentar a ausência da libelinha, a qual se recusara a regressar já que nunca se refizera do susto que o Castor lhe tinha pregado.